

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30

# MANUEL DE SOUSA MOREIRA – UM CISNE NO PARNASO PORTUGUÊS<sup>1</sup>

*Cidália Dinis (FLUP)*<sup>2</sup>

## RESUMO

Apesar de ser considerado por muitos especialistas como um dos poetas mais representativos do período barroco português, Manuel de Sousa Moreira (1648-1722) continua a ver a sua obra, como a de muitos autores deste período, disseminada por coletâneas manuscritas. Na base deste evidente desinteresse estão às vezes intrincados problemas de crítica textual. A existência de várias cópias manuscritas, quase sempre lacunares, para além de implicar muitas variantes, impõe a busca da lição verdadeira – tarefa morosa e muitas vezes só possível por aproximação. Com este projeto de estudo e edição da obra de Manuel de Sousa Moreira procuraremos atenuar não só o esquecimento que sobre eles (textos e autor) se abateu, como também dar a conhecer um dos “mais Canoros Cisnes do Parnaso” (BARBOSA, 1998, p. 384-385), quer pelo seu valor como testemunho de uma época, quer pela sua riqueza literária ainda longe do alcance do leitor atual.

**Palavras-chave:** Poeta. Barroco. Inédito. Adição.

### 1. *Introdução*

Não é minha intenção apresentar, nesta comunicação, uma teoria original sobre a inúmera produção literária que vai da segunda metade do século XVI até aos fins do século XVIII e permanece ainda inédita, esquecida, à espera de ser redescoberta. Pelo contrário, o objetivo que preside a esta comunicação é, por um lado, dar a conhecer, ainda que de uma forma breve, uma obra e um autor praticamente desconhecidos; por outro lado, contribuir decorridos 292 anos após a sua morte (13-12-1722), para esbater uma lacuna dos estudos literários nacionais que continua (e continuará) a subsistir.

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta do trabalho apresentado no IX Congresso da Pós-graduação em Língua Portuguesa, realizado na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 3 a 7 de novembro de 2014.

<sup>2</sup> Membro do Grupo de investigação Multiculturalidade e Diálogo Internacional do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. Doutorada em Literaturas e Culturas Românicas pela FLUP e Investigadora de Pós-doutoramento (bolseira FCT).

## 1    2. *Um cisne no Parnaso Português*

2            Considerado por muitos especialistas como um dos poetas mais  
3 representativos do período barroco português, Manuel de Sousa Moreira  
4 nasceu em Mogadouro, Trás-os-Montes (1648) e faleceu a 13 de dezem-  
5 bro de 1722, quando contava 74 anos de idade (BARBOSA, 1998, p.  
6 384-385).

7            Segundo José Costa e Silva, que no *Ensaio-biographico-critico*  
8 *sobre os melhores poetas portugueses* (1855, p. 125-199) lhe traça uma  
9 sumária biografia – a que nós efetuamos alguns acrescentos resultantes  
10 das pesquisas que temos vindo a desenvolver, no âmbito do projeto de  
11 pós-doutoramento – o poeta era filho de Francisco Moreira de Sousa e de  
12 D. Maria Domingues de Antas, pessoas “mui qualificadas, e estimadas  
13 daquela provincia, pela nobreza de sua extracção, e opulenta fortuna que  
14 desfrutavam” (SILVA, 1855, p. 125).

15            Dotado de uma singular vivacidade, memória tenaz, desde cedo  
16 revelou aptidão para as línguas como o grego, o latim, tornando-se  
17 igualmente muito hábil na língua castelhana, em que escrevia com tanta  
18 elegância e pureza como na latina.

19            Concluídos os estudos preparatórios, matriculou-se na Universi-  
20 dade de Salamanca, onde frequentou com grande aplicação e aproveita-  
21 mento o curso filosófico, obtendo o grau de Bacharel na faculdade de Di-  
22 reito Pontifício. Regressa à pátria para ser incorporado na qualidade de  
23 Lente na Universidade de Coimbra (BARBOSA, 1998, p. 384-385).

24            A cadência do metro, a escrita engenhosa, o estilo elegante con-  
25 tribuíram para que se tornasse num dos “mais canoros Cisnes do Parna-  
26 so” (BARBOSA, 1998, p. 384-385), tanto na língua materna, como na  
27 castelhana e latina.

28            Ao profundo conhecimento das ciências sagradas e profanas jun-  
29 tava, Manuel de Sousa Moreira, o estudo das letras a “amena literatura,  
30 gozando a reputação de grande poeta, tanto latino, como português, como  
31 castelhano” (SILVA, 1855, p. 126). Foi, igualmente célebre na oratória,  
32 como se depreende do grande número de discursos que recitou nas mais  
33 famosas academias, que floresceram no seu tempo tanto em Portugal,  
34 como em Espanha.

35            Não foi igualmente inferior o seu talento enquanto pregador, onde  
36 arrebatava suavemente as atenções dos mais célebres eruditos das Aca-  
37 demias de Espanha e Portugal quando ouviam os seus discursos ornados

1 pelo principado da eloquência, pela aguda discrição, pela elegância, mar-  
2 cados não só por uma linguagem pura, mas também por uma elevação de  
3 pensamentos, força e graça de expressão com que eram escritos.

4 Contava apenas trinta anos quando entrou no estado eclesiástico,  
5 ordenando-se presbítero. Foi, pouco depois, provido na Abadia de S.  
6 Martinho do Peso do bispado de Miranda, donde passou para a de Santa  
7 Maria de Castelo Branco, arcebispado de Braga.

8 Atendendo à sua erudição e talento, foi nomeado Secretário do  
9 Padroado Real pelo Arcebispo de Lisboa e Capelão mor D. Luís de Sou-  
10 sa. Foi, precisamente, a rogo daquele prelado que Manuel de Sousa Mo-  
11 reira tomou a seu cargo a tarefa de escrever a história da Casa de Sousa, a  
12 que ele pertencia. Como recompensa desta tarefa, que desempenhou com  
13 elegância de estilo, foi-lhe atribuída a Abadia de S. Mamede Lindoso,  
14 donde passou depois para a Igreja de Santa Maria de Chãs, pertença do  
15 Padroado Real e situada no concelho de Távora, bispado de Viseu. Aca-  
16 bou, posteriormente, por ser transferido para a Abadia de Nossa Senhora  
17 da Assunção de S. Bado, termo da vila de Alfândega da Fé. Foi académi-  
18 co supranumerário da Academia Real de História e marcou presença em  
19 quase todas as Academias poéticas que existiam naquele século, sendo  
20 muito estimado e respeitado de todos os literatos que as compunham.

21 No entanto e apesar de ser considerado, como um dos mais em-  
22 blemáticos poetas do período barroco, Manuel de Sousa Moreira, conti-  
23 nua a ver a sua obra, como a de muitos autores deste período, dissemina-  
24 da por coletâneas manuscritas. De entre os numerosos códices que con-  
25 têm textos seus, salientam-se o 260 dos manuscritos da livraria do Ar-  
26 quivo Nacional da Torre do Tombo; os 20-III-52, 50-I-8 da Biblioteca da  
27 Ajuda; os 396, 666 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; os  
28 12960, 12961 da Biblioteca Nacional; o JC 8232 da Biblioteca Pública e  
29 Arquivo Regional de Ponta Delgada; o BG/9576 da Biblioteca da Uni-  
30 versidade de Salamanca; o R/62064 da Biblioteca Nacional de Espanha;  
31 e o 14-5-4 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

32 Desta vastíssima produção, somente *Theatro histórico, genealogi-*  
33 *co, y panegyrico: erigido a la immortalidade de la excelentíssima casa de*  
34 *Sousa* (Paris, 1694) logrou conhecer a luz da imprensa. Escrita em língua  
35 castelhana e por diligência do Arcebispo Luís de Sousa (como já tivemos  
36 oportunidade de mencionar), esta história genealógica, aliando a elegân-  
37 cia do estilo com a soberania do assunto, eterniza e celebra as memórias  
38 dos antepassados da Casa de Sousa.

1 Manuel de Sousa Moreira é, pois, mais um exemplo da inúmera  
2 produção literária que desde a segunda metade do século XVI até aos fins  
3 do século XVIII permanece ainda inédita, esquecida, à espera de ser  
4 (re)descoberta. Na base deste evidente desinteresse estão às vezes intrin-  
5 cados problemas de crítica textual. A existência de várias cópias manus-  
6 critas, quase sempre lacunares, para além de implicar muitas variantes,  
7 impõe a busca da lição verdadeira – tarefa morosa e muitas vezes só pos-  
8 sível por aproximação.

9 Tendo consciência plena do árduo trabalho que é editar uma obra  
10 e assumindo que o conhecimento da nossa poesia barroca depende sobre-  
11 tudo do interesse de investigadores nacionais, pretendemos com este pro-  
12 jeto de estudo e edição da obra de Manuel de Sousa Moreira atenuar não  
13 só o esquecimento que sobre eles (textos e autor) se abateu, como tam-  
14 bém dar a conhecer um dos mais fecundos e engenhosos poetas, quer pe-  
15 lo seu valor como testemunho de uma época, quer pela sua riqueza literá-  
16 ria ainda longe do alcance do leitor atual.

17 Apesar de reconhecidos estudiosos como Vítor Aguiar e Silva,  
18 Ana Hatherly, Maria Lucília Gonçalves Pires, entre muitos outros, se te-  
19 rem dedicado à literatura desta época, editando textos e publicando traba-  
20 lhos críticos; a verdade é que todo este esforço permanece incompleto,  
21 sobretudo se pensarmos que muitos são os autores e obras que estão dis-  
22 persos por manuscritos desconhecidos.

23 Salientados os principais aspetos referentes à biografia do poeta,  
24 não poderíamos deixar de tecer algumas considerações sobre a sua pro-  
25 dução poética. Filho de uma época de profundas metamorfoses, Manuel  
26 de Sousa Moreira é o exemplo da criatividade portuguesa do período bar-  
27 roco.

28 Escrevendo ora em português, ora em castelhano, as suas compo-  
29 sições deixam antever não só o jogo entre o sacro e o profano, mas tam-  
30 bém a Natureza como palco da dor e da efemeridade da vida:

31 *A um Crucifixo de mármore vermelho e branco*

32 Vês esse mármore, que ao monte altivo  
33 obstinado em fortíssima aspereza  
34 constante desprezou toda a dureza  
35 de tanto de tanto fulminado ardor activo?

36 Pois vê, que docilmente sensitivo,  
37 como sombra da própria Natureza  
38 ilustra, mais que mancha, sua pureza  
39 nesse purpúreo arroio sucessivo.

1 Abranda-se a dureza de um rochedo,  
2 e em roxa undosa veia desatado  
3 se mostra em tanta lástima sensível.

4 E chega a ser mais duro que um penedo  
5 teu coração, mortal, pois obstinado  
6 mais insensível é que o insensível.

7 (SILVA, 1855, p. 169-170)

8 Temas caros ao barroco, como a *fragilidade da vida humana*,  
9 comparecem igualmente na obra do poeta transmuntano. Mas, o que o  
10 torna realmente *suis generis* é, quando, influenciado pela leitura dos ro-  
11 mances de cavalaria, desenha a mulher com contornos de guerreira. Aqui  
12 o fuso dá lugar à espada, o toucado é trocado pelo capacete:

13 *A Alexandre não querendo ver a esposa e filha de Dario, que*  
14 *depois da derrota daquele Rei da Persia, haviam ficado priso-*  
15 *neiras no seu campo*

16 Que acção misteriosa te embaraça  
17 Magnânimo Alexandre, a que não queiras  
18 ver nessas três belíssimas guerreiras  
19 da Ásia toda a delícia, e toda a graça?

20 E por não agravar da sorte escassa  
21 o rigor entre vistas lisonjeiras  
22 ou porque de tão altas prisioneiras  
23 não te cabe aos olhos a desgraça?

24 Bem pode ser; e eu mais de ti confio  
25 mas penetrando mais profundamente  
26 do teu peito o segredo misterioso.

27 Não viste as caras prendas de Dario  
28 porque da vista o pejo reverente  
29 do coração foi medo valoroso.

30 (SILVA, 1855, p. 176)

31 Veja-se ainda a forma como Manuel Moreira constrói o soneto ao  
32 “cabelo de D. Leonor de Lorena”, contrastando a beleza do cabelo loiro  
33 ofuscada pela “negra prisão” da bolsa de cetim preto e a revolta do sujei-  
34 to poético aprisionado pelos sentimentos da paixão:

35 *Ao cabelo de D. Leonor de Lorena, metido em uma bolsa de ce-*  
36 *tim preto*

37 Bolsa avarenta, ingrata nuvem fera  
38 que com negra prisão, com triste agouro  
39 da terra escondes o melhor tesouro,  
40 eclipsas a mais clara luz da esfera.

1 Que te vai condenar com lei severa,  
2 que te importa enlutar com vil desdouro  
3 esse ophir desatado em rios de ouro?  
4 Esse Sol, que eclipsado reverbera?

5 Mas advertido bem tua avareza,  
6 mas tua austeridade bem prevista,  
7 providência foi mais que crueldade.

8 Pois vista a tanta luz tanta beleza,  
9 quantas almas teriam liberdade?  
10 ou quantas atenções teriam vista?

11 (SILVA, 1855, p. 177)

12 Votado a um imerecido esquecimento, não será mais do que legíti-  
13 mo “resgatá-lo” das entranhas da memória? Quem poderá ficar indife-  
14 rente ao poema “Aquele incêndio, Filis, que apagado”, inspirado pela re-  
15 novação de um incêndio amoroso que se julgava extinto:

16 Aquele incêndio, Filis, que apagado  
17 presumiu a alma que no peito estava,  
18 como do coração se alimentava  
19 se ocultou entre as cinzas desfarrado.

20 Porém como do ardor dissimulado  
21 ou presumida, ou néscia se fiava,  
22 foi repetir a origem que o formava,  
23 não sei se por descuido, ou por cuidado.

24 Mas quando a fatal causa deste dano  
25 a memória acusou com um suspiro,  
26 soprou a cinza, a quem o ar inflama

27 Oh néscia confiança! Oh cego engano!  
28 que aproveita dar vistas o retiro  
29 si dentro d’alma se alimenta a chama!

30 (SILVA, 1855, p. 178-179)

31 Atente-se no soneto moral a Fábio, um dos mais notáveis que saí-  
32 ram da pena de Manuel de Sousa Moreira. Aqui elogia-se a constância do  
33 varão forte que resiste às tribulações e triunfa dos desfavores da Fortuna:

34 Por mais que o mar, oh Fabio, embravecido  
35 contra o rochedo altivo se alevante,  
36 por mais que furibundo o Noto espante  
37 a robusta altivez do cedro erguido:

38 Só servirá seu bárbaro ruído  
39 de o deixar mais soberbo, e mais constante;  
40 só servirá sua cólera arrogante  
41 de o deixar mais ufano, e presumido.

1 Mais do que o rochedo ao mar, que o cedro ao vento  
2 sobre as injúrias da inconstante sorte  
3 sempre igual teu espírito se eleve!

4 Pois todo o seu furor, bem que valente,  
5 se arma contra o valor do varão forte  
6 e, Fabio, espuma vã, é sopro leve.

7 (SILVA, 1855, p. 179)

### 9 3. Conclusões

10 Reabilitá-lo é, pois, estabelecer uma ponte entre os requisitos do  
11 virtuosismo verbal e a multiplicidade de impressões internas e externas  
12 de um mundo todo ele composto de reentrâncias.

#### 14 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

15 BARBOSA, Machado. *Bibliotheca Lusitana*, vol. II. Lisboa: Biblioteca  
16 Nacional (Ophir), 1998, p. 384-385.

17 MOREIRA, Manuel de Sousa. *Theatro historico, genealogico, y pane-*  
18 *gyrico*: erigido a la immortalidade de la excelentissima casa de Sousa.  
19 Paris: En la Emprenta Real, 1694.

20 SERRÃO, Veríssimo. A descrição Poética da Ilha da Madeira de Manuel  
21 de Sousa Moreira. *Islenha*. Funchal: Ed. DRAC, 1997, p. 157-180.

22 SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliographico portuguez*,  
23 vol. VI. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Desco-  
24 brimentos Portugueses (Ophir), 2001, p. 115.

25 SILVA, José Maria da Costa e. *Ensaio biographico-critico sobre os me-*  
26 *lhores poetas portugueses*, tomo X, livro XXIV, cap. I. Lisboa: Imprensa  
27 Silviana, 1855, p. 125-199.

28 SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e *Maneirismo e Barroco na poesia líri-*  
29 *ca portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Filológicos, 1971.